

1

Vínculos e Configurações Vinculares

VÍNCULOS

Etimologia e conceituação

O termo *vínculo* tem sua origem no étimo latino “*vinculum*”, o qual significa uma união, com as características de uma ligadura, uma atadura de características duradouras. Da mesma forma, *vínculo* provém da mesma raiz que a palavra “vinco” (com o mesmo significado que aparece, por exemplo, em ‘vinco’ das calças, ou de rugas, etc.), ou seja, este termo alude a alguma forma de ligação entre as partes que estão unidas e inseparáveis, embora elas permaneçam claramente delimitadas entre si. Assim, cabe a afirmativa de que “vínculo” também significa um estado mental que pode ser expresso através de distintos modelos e com variados vértices de abordagem.

A noção de “vínculo” é de fundamental importância no desenvolvimento da personalidade da criança, sendo que essa afirmativa está baseada na inquestionável sentença de que “o ser humano constitui-se sempre a partir de um outro”. Isso não impede que, conforme a qualidade do vínculo, todo sujeito possa voltar toda sua libido para o seu próprio eu (ego), tal como acontece no narcisismo excessivo.

O primeiro vínculo a se formar na existência de qualquer ser humano consiste na inter-relação do bebê recém-nascido com a sua mãe (na verdade, segundo recentes estudos, já na gestação da mãe existe um importante vínculo com o feto uterino) ou com alguma figura substituta dela, que, em condições normais, o ampare, alimente, agasalhe, dê a ele cuidados higiênicos, como a troca de fraldas cocozadas ou urinadas, etc.

Além desses cuidados maternos que visam a satisfação das necessidades *orgânicas* vitais, a noção de vínculo também abrange a tarefa de promover a satisfação das necessidades *afetivas* da criança por parte da mãe, sobretudo no que tange a que ela lhe dispense um calor humano, com um autêntico e espontâneo amor, carinho, proteção, compreensão da linguagem corporal do bebê (através do seu tipo de choro, olhar, eventuais esperneios, cólicas, vômitos ou diarreia, etc.)

À medida que a pequena criança vai se desenvolvendo, os cuidados da mãe vão se modificando, conforme as novas necessidades e desejos do seu filho, porém, o que sempre deve permanecer em um sadio vínculo mãe-bebê é a presença constante na mãe de uma boa capacidade de “continente” (isto é, a capacidade de “conter” as eventuais angústias do bebê que ele projeta nela), junto com uma capacidade de “empatia” (ou seja, a capacidade de a mãe de se colocar no lugar de um eventual sofrimento por parte de seus filhos menores).

Um outro aspecto da importância vincular consiste no fato, cada vez mais habitual, de que o pai tem uma participação muito ativa na formação dos vínculos que englobam a um só tempo a união bebê-mãe-pai, com as mútuas inter-relações entre o trio, especialmente a do tipo de comunicação que se forma entre os três principais personagens.

Na concepção atual relativa aos vínculos, é útil enfatizar o fato de que o bebê não é mais considerado como sendo meramente um ser passivo aos cuidados da mãe e do pai (e, certamente, em muitas situações, ele também sofre influências de irmãos, avós, babás, etc.). Muito pelo contrário, o aludido bebê torna-se de imediato um agente ativo na estrutura familiar e na construção de novos vínculos com todos.

À medida que a criança vai crescendo, os tipos de vínculos vão se expandindo e se modificando, já então com a criança – futuro adulto – convivendo com muitos grupos, alguns de formação espontânea, ou nas primeiras escolas e, mais adiante na evolução, com amigos de jogos, esportes, ou namoros, grupos de estudos nas faculdades, no trabalho com equipes, na construção de uma nova família, etc., etc.

Por outro lado, a noção de vínculo mãe-bebê pressupõe que não é somente o bebê quem depende maciçamente da estrutura de maternagem da mãe, visto que a mãe também depende fortemente de ser reconhecida pelo bebê: de que ela seja amada pelo seu filho, de que seu leite materno seja de boa qualidade nutritiva, que exista um vínculo harmônico corporal e afetivo entre ambos. Caso contrário, é bastante comum que o protesto do bebê se manifeste através da recusa do seio materno na hora das mamadas, ou de eructações e vômitos, ou por outras manifestações corporais

que angustiam a mãe e, assim, pode-se formar um difícil círculo vicioso de um recíproco e angustiante distanciamento.

Em suma, é fundamental a qualidade (predominância benigna ou maligna) dos vínculos que vão se estabelecendo – quanto mais primitivos, mais importantes ficam sendo as suas fixações na mente do bebê, das quais resultarão uma configuração vincular de *cooperação* [“co” = junto de + “*operação*” = operar juntos] numa tarefa comum, *construtiva*, ou vingará uma vigência de destrutiva *competição* [“com” = junto + “*petição*” = demanda insaciável de pedidos].

Diferentes enfoques de vínculos, provindos de importantes autores

Não mais restam dúvidas de que a importância de *vínculo* está presente nas obras dos mais notáveis autores psicanalíticos, como nas de Freud e de M. Klein, como nas de seus respectivos seguidores, não obstante nenhum deles tenha usado a terminologia de “vínculo”. O autor que mais perto chegou da concepção atual de “vínculo” foi o psicanalista W. Baranger – de origem francesa que, porém, passou a maior parte de sua vida residindo e trabalhando na Argentina e no Uruguai. Este autor, com a colaboração de sua esposa, a também psicanalista Madeleine Baranger, publicou o livro sobre *Campo Analítico* (1960), no qual enfatiza justamente o aspecto de uma constante interação recíproca entre o paciente e o psicanalista.

No entanto, também ninguém duvida que foi W. Bion – notável psicanalista britânico – quem aprofundou, sistematizou e divulgou, por todo universo psicanalítico, as múltiplas facetas dos vínculos e das respectivas configurações vinculares.

É evidente que com outros termos, como “apego”, “relacionamento”, “ligação”, etc., a noção de vínculo é antiga, tal como aparece na bíblia, na mitologia, na religião, na filosofia, na literatura, nas artes, porém coube ao psicanalista Bion não só cunhar o nome “vínculo” (*link*, em inglês), como também o mérito de estudar em profundidade e descrever as inúmeras modalidades de quais são os vínculos e de como eles se formam, articulam e funcionam permanentemente ao longo da vida.

Assim, é justo que na busca de uma definição científica que melhor caracterize o significado das funções dos vínculos, recorramos a Bion que, aproximadamente, expressava-se da seguinte forma: “Vínculos são elos de ligação – emocional e relacional – que unem duas ou mais pessoas, ou

duas ou mais partes dentro de uma mesma pessoa”. Repare o leitor como essa simples definição abre um largo e abrangente leque de distintas modalidades, situações, funções, etc., com a presença de, no mínimo, três aspectos contidos nessa mencionada concepção de Bion.

O primeiro aspecto, contido no vocábulo “relacional”, indica que sempre existem relações de recíprocas influências entre as pessoas, as quais tanto habitam o mundo exterior quanto o mundo interior do sujeito. Neste último caso, isso se forma mercê da introjeção (incorporação) de distintos personagens importantes na vida da criança, de sorte que os vínculos primitivos continuam interagindo no presente, de dentro, no interior, para fora, no exterior.

A segunda observação na conceituação de Bion reside na palavra “emocional”, que enfatiza o fato de que, caso não haja algum tipo de emoção nos elos de ligação entre duas ou mais pessoas, dentro ou fora do sujeito, deixa de ter o significado que ele faz questão de sublinhar.

O terceiro aspecto consiste no fato de que, habitualmente, o termo “vínculo” designa as relações humanas exteriores: um bom exemplo disso é o de uma importante escola de psicanálise Argentina, onde, entre outros reconhecidos autores, pontificam os nomes de J. Puget e o de Berenstein (1994), que trabalham bastante com as vicissitudes que permeiam os vínculos de casais, famílias e instituições.

Particularmente, na minha prática clínica, eu me inclino, fortemente, à postulação de Bion, até porque parto do princípio de que os vínculos interiores, de primitiva formação, é que determinarão a configuração e a conduta que marcarão a qualidade dos vínculos exteriores, ao longo da vida de todos nós.

Vamos a um exemplo da afirmativa acima, em relação ao primitivismo do primordial vínculo bebê-mãe, em que Bion criou a concepção do que chamava de “Relação Continente-Conteúdo”, com a qual ele destacava que neste vínculo o simples ato da mamada implicava uma relação vincular entre a boca do bebê, que procura saciar a sua fome (é o “conteúdo” referente à pulsão de saciar sua necessidade vital), e o seio alimentador da mãe, que, então, funciona como “continente” que contém a solução que aplaca a angústia de seu filho. Esse exemplo pode tomar outras dimensões mais complexas, como é o da competência do continente materno, no sentido de que ele possa, ou não, acolher e processar as angústias de um filho, que projeta nela seus anseios, medos, necessidades, desejos, demandas, etc.

Lamentavelmente, nem todas as mães têm essa capacidade de continência, fato que repercute diretamente na qualidade do primitivo vínculo

mãe-filho, com daninhas repercussões no psiquismo da criança, com alta probabilidade de os malefícios se estenderem ao longo de toda a vida.

Um outro exemplo que pode ilustrar a formação de um vínculo primitivo da mãe com seu bebê, pode ser extraído da obra do magnífico psicanalista e autor D. Winnicott, quando ele afirma, de modo poético, que “o primeiro espelho da criatura humana é o *olhar* de sua mãe, o sorriso dela, suas expressões faciais” (e, creio, podemos acrescentar: *a tonalidade de voz da mãe*). Um pouco mais adiante Winnicott completa, como se ele estivesse falando pelo bebê: “Eu olho e sou visto, logo, existo!”.

Não obstante este autor não tenha usado o termo “vínculo”, parece-me que fica claramente evidenciada uma ligação profunda entre mãe e filho, como se o bebê pudesse, de forma bastante primitiva, “pensar” (o mais correto seria dizer: ter sensações) de que se o olhar da mãe for de felicidade, funciona como um espelho que, numa licença de imaginação, lhe diz algo assim: “Meu filho, mamãe está feliz contigo, te ama muito”, e, portanto, “eu, bebê, sou amado, desejado e posso confiar na minha mãe”.

Os exemplos poderiam ser multiplicados quase que de uma forma infinita, mas o importante é destacar na definição de Bion a sua ênfase no fato de que a noção de vínculo também abarca as relações entre as diversas funções do psiquismo e das distintas partes que compõem a “geografia do funcionamento mental”.

Desse modo, no que se refere à vinculação entre as *funções* do ego, cabe exemplificar com as relações que se estabelecem, por exemplo, entre a comunicação que transita do consciente com o inconsciente de qualquer um de nós; ou da função de um pensamento vinculado com um outro pensamento; de uma função de percepção em relação com uma função do conhecimento; do pensamento com o conhecimento, etc., numa rede interminável de possibilidades vinculares, todas importantes.

Relativamente às *partes* que habitam o interior do nosso psiquismo, cabe exemplificar os vínculos que existem entre a nossa *parte infantil*, num necessário vínculo com a nossa *parte adulta*; ou a assim chamada *parte psicótica da personalidade* vinculada com a *parte não psicótica*; e assim por diante. Creio ser útil sublinhar que esta última concepção de vínculos intrassubjetivos é de uma extraordinária importância na prática psicanalítica. Cabe acrescentar a importância, no ato analítico, de que o psicanalista e, conseqüentemente, também o paciente não confundam a existência de uma “parte” da personalidade, como se fosse o “todo” da pessoa.

De forma resumida, cabe afirmar que os vínculos podem ser de natureza *intersubjetiva* (entre duas ou mais pessoas), *intrassubjetiva* (as diferentes partes dentro de uma mesma pessoa), ou *transsubjetiva* (em cujo caso, o vínculo atravessa fronteiras e adquire uma dimensão bastante mais ampla, como seria o caso de nações em litígio), etc.

A qualidade dos vínculos em todas as situações de relacionamentos é que determinará a qualidade de vida de cada pessoa em particular. Mais adiante faremos uma revisão mais aprofundada dos “Vínculos na Psicanálise”, porém cabe antecipar (repetindo o que já foi dito antes) que o autor que mais estudou, criou concepções novas, divulgou e aplicou na prática da clínica psicanalítica foi o importante autor psicanalista britânico Wilfred Bion.

Ele destacou três vínculos fundamentais: o do *Amor*, o do *Ódio* e o do *Conhecimento*. Por minha conta, assumi a ousadia de propor um quarto vínculo – o do *Reconhecimento* – por acreditar que os quatro estão sempre juntos, inseparáveis e interagindo entre si – de modo que, conforme a predominância da qualidade dos vínculos – se sadia ou patológica – são determinados o nosso comportamento e a nossa qualidade de vida.

No entanto, antes de ingressarmos nas concepções de Bion, para os leitores que melhor estão familiarizados, ou interessados em conhecer os fundamentos psicanalíticos, é justo atualizar e recordar, ainda que de forma muito breve, os pontos de vista de importantes autores que, de forma direta ou indireta, estudaram a temática referente ao que hoje chamamos de vínculos. Assim:

Freud, em diversos trabalhos, deixou claramente implícita a importância que ele atribuía aos vínculos (embora utilizasse termos correlatos) que se estabelecem entre “o indivíduo e seus semelhantes” (Projeto...1895), entre “a criança e a mãe” (Leonardo...1910) ou entre “os indivíduos e as massas” (Psicologia das massas...1921), etc., etc. Da mesma forma, todos sabemos que, desde o início até o final de sua monumental obra psicanalítica, Freud sempre enfatizou a importância da sexualidade (a partir da infância, o que scandalizou os seus contemporâneos), a presença intensa da libido, o complexo de Édipo – que hoje podemos chamar de vínculo ou de configuração edípica, com o cortejo de desejos, conflitos, culpas, complexo de castração, etc.

M. Klein também aludiu diretamente à noção de vínculo, como podemos observar no seu relato acerca da análise do menino Dick, no seguinte trecho: “A análise desta criança tinha que começar pelo estabelecimento de um contato com ele” (1930, p. 214).

J. Bowlby, um importante psicanalista britânico, durante mais de 40 anos estudou, utilizou e divulgou bastante o que em sua *teoria do vínculo*, sob a denominação original de *attachment* (na tradução portuguesa aparece como “apego”), ele conceituou como sendo o *vínculo afetivo primário* da relação mãe-filho. No entanto, os estudos interativos de Bowlby (1969) se fundamentam no comportamento social, em um contexto evolutivo, de modo que ele considera que a principal função do vínculo é a de proteger a sobrevivência do indivíduo contra os agentes predadores externos.

Bateson e colaboradores (1955) da escola Palo Alto – Califórnia, no curso de seus aprofundados estudos sobre a *teoria da comunicação humana*, descreveram a importante conceituação de *duplo vínculo* (*double bind*), a qual consiste em uma patologia da relação entre pais e filhos, em que através de mensagens *contraditórias* (por exemplo, “eu te ordeno que não recebas ordens de ninguém...”) e *desqualificatórias* (por exemplo, “me decepcionei contigo, o teu amigo João faz muito melhor que tu...”) resulta que a criança, faça ela o que fizer, nunca possa ganhar deles, os pais, sucedendo-se um estado mental de aprisionamento às expectativas destes pais.

É interessante acrescentar que o termo *bind* usado no original, na sua essência, tem o significado de *escravidão*, o que traduz fielmente a natureza desse vínculo no qual as pessoas – um casal, por exemplo – estão atadas de tal sorte que não conseguem viver juntas e muito menos separadas.

A Escola Argentina de Psicanálise tem dado uma importante contribuição ao estudo dos vínculos nas interações humanas. Assim, o casal **Baranger** (1961) descreveu com uma grande riqueza de vértices psicanalíticos a permanente e recíproca interação entre analista e analisando no espaço que eles denominaram como *campo analítico*. Na atualidade, autores como **Puget** e **Berenstein** (1994) reservam a conceituação de vínculos para o plano da intersubjetividade, com um enfoque de natureza sistêmica, assim privilegiando uma ênfase nas distintas *configurações vinculares* (de natureza simbiótica, sadomasoquista, etc., etc.) entre duas ou mais pessoas do mundo real, embora, é claro, estes importantes psicanalistas argentinos reconheçam a similaridade entre estas configurações vinculares *intersubjetivas* com as *intrassubjetivas*.

É óbvio que os nomes e conceitos mencionados anteriormente não passam de uma simples amostragem e que poderíamos nos estender com outros autores que deram um grande destaque à vincularidade, como Ba-

lint, Winnicott, M. Mahler, Kohut, Lacan, P. Aulagnier, Anne Alvarez, A. Green etc., etc., no entanto, vamos nos restringir ao psicanalista que mais diretamente e enfaticamente aprofundou o estudo sobre os vínculos, o qual virtualmente permeia toda a sua obra, notadamente no que alude à prática psicanalítica: estou me referindo a **Bion**, cujos conceitos vão merecer, aqui, uma apreciação um pouco mais alongada.

Do ponto de vista psicanalítico, fundamentada em Bion, a conceituação de *vínculo* necessariamente requer as seguintes características:

1. São *elos de ligação* que unem duas ou mais pessoas, ou duas ou mais partes de uma mesma pessoa.
2. Estes elos são sempre de natureza *emocional*.
3. Eles são *imanescentes* (isto é, são inatos, existem sempre como essenciais em um dado indivíduo e são inseparáveis dele).
4. Comportam-se como uma *estrutura* (vários elementos, em combinações variáveis).
5. São *polissêmicos* (permitem vários significados).
6. Comumente atingem as dimensões *inter-, intra- e transpessoal*.
7. Um vínculo estável exige a condição de o sujeito poder *pensar* as experiências emocionais, na ausência do outro.
8. Os vínculos são potencialmente *transformáveis*.
9. Devem ser compreendidos através do modelo da inter-relação *Contínente-Conteúdo*.

Assim, cabe lembrar que “*vínculo*” é uma *estrutura relacional-emocional entre duas ou mais pessoas, ou entre duas ou mais partes separadas de uma mesma pessoa*. Bion estendeu o conceito de vínculo a qualquer função ou órgão que, desde a condição de bebê, esteja encarregado de vincular objetos, sentimentos e ideias, uns aos outros.

Dessa forma, ele descreveu os vínculos de Amor (**L**, inicial de *love*), de Ódio (**H**, de *hate*), e o de Conhecimento (**K**, de *knowledge*), de um modo em que todos os três podem ser sinalizados tanto de forma positiva (+) quanto negativa (-), sendo que Bion deteve-se mais particularmente no vínculo “-K”, ou seja, quando este está a serviço do que ele denominou de “ataque aos vínculos perceptivos”, especialmente no que se refere à desvitalização (por exemplo, o que um determinado paciente pode fazer com as interpretações do seu analista) e à anulação dos significados das experiências emocionais, a serviço de uma defesa de “negação”.

Durante muitas décadas, todos os psicanalistas basearam os seus esquemas referenciais virtualmente em torno de dois vínculos, o do *Amor* (principalmente com base nos ensinamentos de Freud), e o do *Ódio* (fortemente apoiado nas concepções kleinianas), sendo que coube a Bion, sabidamente um analista com profundas raízes na escola de M. Klein e com um sólido embasamento freudiano, propor uma terceira natureza de vínculo: o do *Conhecimento*, o qual está diretamente ligado à aceitação, ou não, das verdades penosas, tanto as externas como também as internas, e que dizem respeito mais diretamente aos problemas da autoestima dos indivíduos.

Em lugar do clássico conflito entre o amor e ódio, Bion propôs uma ênfase no *conflito entre as emoções e as antiemoções* presentes em um mesmo vínculo. Assim, ele postulou que o “menos amor” (- L) não é o mesmo que sentir ódio e que, tampouco, o “menos ódio” (- H) significa amor. O vínculo de “menos amor” alude à uma *oposição à emoção do amor*, o que pode ser ilustrado com a situação de *puritanismo* e a de *samaritanismo*, ou seja, em nome do amor o sujeito se opõe à obtenção da emoção do prazer. Nesses casos, a manifestação externa adquire a aparência de amor, que, ainda que seja falso, não significa que esteja havendo ódio.

Comentário

Um exemplo de “-L” que me ocorre seria o caso de uma mãe que pode amar intensamente ao seu filho, porém ela o faz de uma forma simbiótica, possessiva e sufocante de modo que, embora sem ódio, o seu amor samaritano, cheio de sacrifícios pessoais e com renúncia ao prazer próprio, resulte em resultados negativos, porquanto esse amor funciona como culpígeno (isto é, injeta culpas nos filhos) e infantilizador, já que ela não reconhece e impede o necessário processo de diferenciação, separação e individuação do seu filho.

O vínculo “- H” (“menos ódio”) pode ser ilustrado com o estado emocional e a conduta de *hipocrisia*, pela qual o indivíduo está tendo uma atitude manifestamente amorosa por alguém, ao mesmo tempo que existe um certo ódio latente (quando o ódio estiver muito predominante, trata-se de *cinismo*). Portanto, pode-se dizer que no “menos ódio” está presente uma forma de amar que está baseada no ódio, embora o sujeito não se dê conta dele. Em um grau extremo, podem servir como exemplo, as atrocidades que, em nome do amor, foram cometidas pela Santa Inquisição.

Comentário

Visto por um outro ângulo, creio que também pode servir como exemplo aquela situação na qual o indivíduo está sendo manifestamente agressivo com os outros, inclusive com uma emoção de ódio por não estar se sentindo entendido e respeitado, porém, no fundo, é uma agressividade que, simultaneamente com o ódio, está mais a serviço da pulsão de vida do que propriamente à pulsão de morte, assim caracterizando o conflito de uma emoção *versus* uma antiemoção.

Um exemplo comum disso é fácil encontrar em muitos adolescentes que são rotulados como rebeldes e agressivos pelos pais, pelos professores e pela sociedade, porém uma análise mais atenta pode demonstrar que eles estão exercendo uma conduta contestatória, com a finalidade precípua de adquirir um sentimento de identidade própria, ou seja, ser ele mesmo, e não quem os outros querem que ele seja.

Por outro lado, o simples fato de que o Vínculo do Conhecimento (K) esteja intimamente ligado ao mundo das verdades (ou das falsidades e mentiras, no caso de “-K”) permite depreender a enorme importância que isto representa para a psicopatologia, se levarmos em conta que os diversos tipos e graus da patologia psíquica dependem justa e diretamente dos tipos e graus de defesa que o ego utiliza para a *negação* do sofrimento mental. Como exemplo de “menos conhecimento”, pode servir o “ataque às verdades” que comumente é empregado pela “parte psicótica da personalidade”, de sorte que nos casos mais exagerados o sujeito constrói a sua própria verdade, que contraria as leis da lógica e da natureza, querendo a todo custo impô-la aos outros, como se fosse a verdade definitiva.

Pela razão de que esse “vínculo do conhecimento” adquire tamanha importância no ato analítico, ele é assunto de uma parte específica deste livro – a de número IV – de forma bastante mais detalhada, com a abertura de outros vértices oriundos de outras áreas do conhecimento humano.

Conquanto a contribuição de Bion em acrescentar o vínculo do Conhecimento aos do Amor e do Ódio tenha trazido uma grande ampliação e enriquecimento da compreensão das inter-relações humanas em geral, e da situação psicanalítica em particular, penso que a partir das suas próprias concepções pode-se ampliar a conceituação genérica de “vínculo” para outros vértices de vincularidade, além daqueles aportados por Bion e pelos autores antes mencionados, especialmente se levarmos em conta a possibilidade de uma multiplicidade de arranjos que caracterizam as *configurações vinculares*, tal como, mais adiante, será desenvolvido com maior profundidade.

Comentário

Dentro desse contexto que está sendo focado, entendo ser de grande utilidade acrescentarmos mais uma modalidade de vínculo que caracterize mais especificamente as vicissitudes radicadas desde a primordial relação mãe-bebê. Proponho que este quarto elo de ligação, o qual considero estar intimamente ligado às etapas narcisistas da organização e evolução da personalidade, seja chamado de Vínculo do Reconhecimento (“R”) (essa letra no idioma inglês corresponderia à inicial de *recognizing*).

Esse vínculo “R” abarca quatro acepções com significados diferentes, porém o principal deles alude à ânsia que todo ser humano possui de ser reconhecido pelos demais, como sendo uma pessoa querida, aceita, desejada e admirada pelos seus pares e circunstantes. Quando isso não acontece, o sujeito apela para mecanismos de defesa que assumem configurações vinculares com algum grau de patologia, como pode ser, por exemplo, a construção de um “falso *self*”. Um maior detalhamento do Vínculo do Reconhecimento constitui o Capítulo 5 deste livro.

CONFIGURAÇÕES VINCULARES

Conceituação

A expressão *configuração vincular* designa o fato de que cada pessoa contrai com uma outra, ou com várias outras pessoas, uma configuração típica de inter-relacionamento, em que os quatro tipos de vínculos com os seus respectivos derivados, provindos de todos participantes no relacionamento, se entrecruzam e se complementam, de forma sadia ou patológica, com uma alta possibilidade de diferentes combinações, assim determinando distintas configurações vinculares.

Por vezes, a estruturação que configura o tipo de vínculo guarda raízes tão antigas e profundas que pode acontecer que uma pessoa pode variar bastante de parceiro(s), porém permanece mantida a invariância de que a natureza da essência do tipo de configuração vincular (por exemplo, sado-masoquista) se mantenha inalterável. Mais adiante faremos uma revisão mais aprofundada dos tipos de configurações e do comportamento dos quatro vínculos, tanto na psicanálise, quanto no cotidiano de nossas vidas.

Talvez uma metáfora possa esclarecer melhor o conceito de configuração vincular. Assim, embora as sete notas musicais – dó, ré, mi, fá, sol,

lá, si – possam ocupar lugares distintos na escala musical (por exemplo, dó maior, menor, bemol, sustenido...) quando teclados isoladamente, cada uma delas não dá mais do que um som isolado; porém, quando “vinculadas” com as distintas combinações das notas entre si, forma-se um arranjo musical, num espectro de possibilidades que vão desde simples acordes até a composição de configurações musicais sob a forma de complexos e belos concertos de música erudita.

Igualmente, cabe metaforizar com as 23 letras simples do nosso alfabeto que, em diferentes arranjos entre si, formam palavras, as quais, reunidas, formam frases que, por sua vez, quando vinculadas umas às outras, compõem orações que se constituem como base de novos arranjos, na composição de textos, bem ou mal construídos; discursos úteis ou demagógicos; ou belas (e, também, feias) obras literárias, etc. As referidas configurações adquirem desenhos e significações que podem ser extremamente distintas entre si.

É evidente que poderíamos prosseguir neste metaforismo, incluindo os dez algarismos básicos – de 0 a 9 – que permitem formar números simples, ou números que significam bilhões ou trilhões de unidades, ou equações aritméticas altamente complexas, etc.

Ainda cabe a metáfora com o aparelho chamado “caleidoscópio”, que é composto de um conjunto de pedrinhas de coloridos diferentes, que estão encerradas numa caixa de papelão especialmente preparada, de modo que com o giro da caixa, as pedrinhas vão mudando de lugar, se superpondo, e adquirindo desenhos os mais variados e coloridos possíveis.

Em síntese, a concepção de Bion que destaca a influência mútua dos diversos elementos que compõem um mesmo vínculo (por exemplo, o do amor), e destes com outros elementos que compõem um outro tipo predominante de vínculo (por exemplo, o do ódio) permite conjecturar que a noção de vínculos e configurações vinculares adquire uma certa sinonímia com os significados de “estrutura” ou de “sistema”, visto que todas essas expressões designam uma continuada interação entre as partes de um todo, com uma influência recíproca das distintas partes entre si e delas com o todo e vice-versa.

Muito mais do que uma simples conceituação teórica sobre Vínculos, torna-se indispensável entendermos que a nova forma de como eles foram descritos, também inovou profundamente a técnica e a prática da psicanálise clínica contemporânea, além de possibilitar um novo olhar de compreensão dos conflitos e dos comportamentos humanos, de obras artísticas, como as literárias, cinematográficas e teatrais, da eclosão de guerras, etc.

As imagens metafóricas antes descritas servem para ilustrar o fato de que cada um dos quatro vínculos, na sequência deste livro, serão discriminados, separadamente, com a seguinte distribuição: o Vínculo do Amor será abordado no Capítulo 2; o Vínculo do Ódio, no Capítulo 3; o Vínculo do Conhecimento, no Capítulo 4; o Vínculo do Reconhecimento, no Capítulo 5.

Cada um desses vínculos se apresenta com as suas respectivas configurações vinculares próprias, sadias ou patológicas, tanto na psicanálise como também em outros campos do conhecimento e do relacionamento humano. Sempre que possível, cada um dos quatro vínculos enfocará alguns aspectos da *dinâmica grupal* que se processa em cada um deles.

A neurociência na vincularidade

Freud fez duas profecias geniais às quais o correr das décadas acabou dando razão. A primeira é a de quando ele previu (“pré-viu”) que “o futuro da psicanálise reside na compreensão dos mecanismos e potenciais que estão contidos nas células humanas”. Basta certificarmos o quanto a bioquímica celular, muito especialmente dos circuitos neuronais, possibilitou o advento de uma moderna psicofarmacologia e, assim, determinados quadros clínicos de prognóstico sombrio, como, por exemplo, depressões, pânico, certas formas de psicoses, entre outros, passaram a ser tratados nas últimas décadas, beneficiando enormemente as pessoas portadoras desses transtornos. Ou seja, Freud estava certo na sua previsão!

A segunda profecia de Freud está contida no seu *Projeto de uma psicologia científica para neurólogos*, escrito em 1895, o qual somente veio a ser descoberto muitos anos mais tarde, entre escritos abandonados por ele, de modo que este notável trabalho só veio a ser publicado em 1950. Pois bem, este livro se constitui como um fabuloso marco de uma incontestável conexão entre a fisiologia cerebral e neuronal em geral e as concepções próprias dos fenômenos e dos transtornos psíquicos, as quais sempre foram estudadas e publicadas pela psicanálise, e agora aparecem como aliadas da psiquiatria, da bioquímica e das neurociências.

As modernas neuroimagens até pouco tempo atrás eram chamadas de “rádio-imagens”, porém o progresso da tecnologia, na atualidade, produz excelentes imagens, substituindo as daninhas emissões de rádio por ondas magnéticas que não causam danos à saúde. Portanto, mais uma vez, estão sendo confirmadas as predições freudianas, como as hipóteses neurobiológicas sobre memória, percepção, consciência – que, até então,

era exclusividade de filósofos –, juízo crítico, pensamento, raciocínio, conhecimento, emoções, pulsões e sonhos, em uma época em que o primitivismo tecnológico impedia de confirmá-las. Porém, o enorme avanço deste campo da dinâmica radiológica (ou de neuroimagens), cada vez mais, está revelando, em bases também orgânicas, o que, até certa época, se constituía como sendo os “mistérios do psiquismo”.

A neurociência, durante muito tempo, foi evoluindo num ritmo demasiado lento, até que, impulsionado pelos notáveis avanços tecnológicos, ela teve um espetacular avanço, ao ponto de os anos de 1990 serem considerados como sendo “a década da neurociência”. É evidente que existem alguns abusos que levam alguns interessados nessa área a superestimarem a eficiência das neurociências, à custa de um rebaixamento da importância dos conceitos psicanalíticos.

Por exemplo, a neurociência pode comprovar as reações químicas, providas de estímulos neuronais, com a circulação de determinadas substâncias neurotransmissoras de uma mãe ou do bebê no vínculo entre ambos, porém isso jamais substituirá a qualidade de “função de maternagem” da mãe, com as importantíssimas consequências, positivas ou negativas, no desenvolvimento e na formação da personalidade de seu filho.

É justo destacarmos o nome de Eric Kandel, neurocientista, ganhador do prêmio Nobel de 2000, em seu artigo “A Biologia e o Futuro da Psicanálise” (1999). Ele associa o antigo apego afetivo com recentes pesquisas no campo experimental em cobaias, em relação à separação da mãe e seus efeitos na região cerebral do hipocampo. Ficou, então, comprovado que experiências primitivas, traumáticas e repetidas, com conseqüente alto nível de glicocorticóides, causam atrofia dos neurônios do hipocampo, reversíveis, quando os estresses provocados ou a exposição aos glicocorticóides for interrompida.

No entanto, quando o estresse é prolongado e/ou muito intenso ocorrem e permanecem danos, resultando em uma destruição real dos neurônios, com repercussão no hipocampo, tanto nas funções da memória, quanto na do aprendizado. Daí surge uma amnésia (é diferente de repressão) com falhas, faltas e, penso eu, provavelmente com a formação de “vazios”, quando o mesmo ocorrer com bebês humanos.

Em resumo, a neurociência é um termo que reúne as disciplinas que estudam o sistema nervoso normal e o patológico, especialmente a anatomia e fisiologia do cérebro, inter-relacionando-as com as teorias da informação, semiótica, linguística e demais ciências, como a neurobiologia, a neurofisiologia, a neuropsicologia, a neurofarmacologia e a neuropsicofarmacologia.

Essas últimas continuam estendendo essa aplicação a distintas especialidades médicas como, por exemplo, a neuropsiquiatria, neuroendocrinologia, neuroimunologia e, mais recentemente, a neuropsicanálise. Não obstante, de forma bastante sintética, em cada um dos textos sobre os quatro vínculos que seguem, haverá um espaço para destacar algumas correlações desses vínculos com aspectos próprios das neurociências.